

A VIOLÊNCIA COMO VIVÊNCIA AFETIVA NO AMOR ROMÂNTICO
LA VIOLENCIA COMO EXPERIENCIA AFECTIVA EN EL AMOR ROMÁNTICO
VIOLENCE AS AFFECTIVE EXPERIENCE IN ROMANTIC LOVE



Maria Chaves Jardim¹
e-mail: maria.jardim@unesp.br



Marcela Miwa²
e-mail: marcelajmiwa@yahoo.com.br

Como referenciar este artigo:

JARDIM, M. C.; MIWA, M. A Violência como Vivência Afetiva no Amor Romântico. **Rev. Cadernos de Campo**, Araraquara, v. 23, n. 00, e023012. e-ISSN: 2359-2419. DOI: <https://doi.org/10.47284/cdc.v23i00.17196>



| **Submetido em:** 13/09/2022
| **Revisões requeridas em:** 03/10/2022
| **Aprovado em:** 17/03/2023
| **Publicado em:** 10/10/2023

Editores: Profa. Dra. Maria Teresa Miceli Kerbauy
Prof. Me. Aline Cristina Ferreira
Prof. Me. Mateus Tobias Vieira
Prof. Me. Matheus Garcia de Moura

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara – SP – Brasil. Professora livre docente em sociologia da Universidade Estadual Paulista, Departamento de Ciências Sociais, Campus de Araraquara/SP. Editora-Chefe da Revista Estudos de Sociologia. Bolsista produtividade no CNPq.

² Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto – SP – Brasil. Socióloga graduada e licenciada pela UNICAMP; Mestre em Ciência Política pela UNICAMP. Doutora em Ciências pelo Programa de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - EERP/USP, onde atua como pesquisadora colaborativa desde 2021.

RESUMO: O presente artigo busca relacionar duas categorias pouco associadas nas ciências sociais: violência e amor. Para construção do argumento central, de que o amor romântico é terreno fértil para a violência entre casais de amantes, a pesquisa realizou revisão bibliográfica sobre o tema e traz resultados exploratórios de uma etnografia virtual realizada no aplicativo *WhatsApp*, junto às mulheres que buscam ajuda para sair de um relacionamento abusivo. Os dados apontam que o amor vivenciado por essas mulheres é o amor romântico e que as formas de violência vivenciadas por elas ultrapassam a violência física, além de se manterem em relacionamentos abusivos pela crença em ter capacidade de mudar seu companheiro.

PALAVRAS-CHAVE: Amor. Amor romântico. Dominação masculina. Amor-Vício. Amor Confluyente.

RESUMEN: Este artículo busca relacionar dos categorías poco asociadas en las ciencias sociales: la violencia y el amor. Para construir el argumento central, que el amor romántico es terreno fértil para la violencia entre parejas de enamorados, la investigación realizó una revisión bibliográfica sobre el tema y trae resultados exploratorios de una etnografía virtual realizada en la aplicación *whatsapp*, junto a mujeres que buscan ayuda para salir de una relación abusiva. Los datos indican que el amor experimentado por estas mujeres es amor romántico y que las formas de violencia experimentadas por estas mujeres van más allá de la violencia física, además de permanecer en relaciones abusivas por la creencia de poder cambiar de pareja.

PALABRAS CLAVE: Amor. Amor romántico. Dominación masculina. Adicción al Amor. Amor Confluyente.

ABSTRACT: This article seeks to relate two categories that are rarely associated in the social sciences: violence and love. To build the central argument, that romantic love is fertile ground for violence between couples of lovers, the research carried out a literature review on the subject and a virtual ethnography in the *WhatsApp* application, with women who seek help to get out of an abusive relationship. The data show that the love experienced by these women is romantic love and that the forms of violence experienced by these women go beyond physical violence, in addition to remaining in abusive relationships for belief in having the capacity to change their partner.

KEYWORDS: Love. Romantic love. Male domination. Love-addiction. Confluent Love.

Introdução

O fenômeno da violência está presente nos relacionamentos afetivos e as mulheres são as principais vítimas dessa situação, o que não significa que homens não possam sofrer violência de suas parceiras. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (WHO, 2021), ao longo da sua vida, 1 em cada 3 mulheres, no mundo, são vítimas de violência física ou sexual perpetrada por seus parceiros íntimos ou violência sexual cometida por não parceiros, o que equivale cerca de 736 milhões de mulheres agredidas.

No Brasil, a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2019 (IBGE, 2021) estimou que 27,6 milhões de pessoas sofreram algum tipo de violência psicológica, 6,6 milhões, sofreram violência física e 1,2 milhão sofreram violência sexual, sendo as mulheres a maioria das vítimas. Entre os agressores físicos de mulheres, 52,4% eram companheiros ou ex-companheiros; entre agressores sexuais de mulheres, 53,3% eram companheiros e ex-companheiros; e sobre a violência psicológica, os dados demonstraram que em 24,5% dos casos esse tipo de violência foi cometida por cônjuge, companheiro(a), parceiro(a) ou namorado(a) ou ex-cônjuge, ex-companheiro(a), ex-parceiro(a) ou ex-namorado(a).

Além da violência física, sexual ou psicológica contra a mulher, a violência também pode ser patrimonial, a qual acontece por meio de posse ou danos a bens materiais, ou, ainda, violência moral, como calúnias e difamações (ALBUQUERQUE NETTO *et al.*, 2015; CARNEIRO *et al.*, 2019).

Considerando esse contexto apresentado, o artigo busca identificar que tipo de amor que acaba por produzir violência entre os casais, com especial submissão e vitimização das mulheres. Sabemos que a violência pode acontecer entre mulheres em diversas formas de relacionamento afetivo, mas, devido aos nossos dados, selecionamos, para este artigo, a violência na relação afetiva heterossexual. Portanto, a originalidade do artigo é relacionar duas categorias que são pouco associadas: violência e amor. Nosso argumento central é que relacionamentos abusivos e violentos são sustentados no amor romântico. Justificamos que parte da literatura citada é da área da saúde, justamente porque esse tipo de debate (amor e violência) está pouco avançado nas ciências sociais.

Nossa inspiração teórica-metodológica é o livro “A Dominação Masculina” de Pierre Bourdieu, além de recebermos *insight* da discussão sobre amor vício, de Giddens. Em termos metodológicos, realizamos revisão bibliográfica sobre o tema e dialogamos com dados

exploratórios, resultantes de uma etnografia virtual, em andamento em um grupo do aplicativo *WhatsApp*³ com 240 mulheres que buscam ajuda para sair de um relacionamento abusivo.

Para nossa etnografia virtual no aplicativo, seguimos os pressupostos de Leitão e Gomes (2017), que fizeram uma revisão da literatura sobre pesquisa em ambiente virtual e afirmaram que o novo fenômeno sociológico pressupõe o deslocamento e a ressignificação da observação participante e da etnografia. No mundo virtual, “[...] o pesquisador estaria seguindo o fluxo das socialidades já existentes nesse ambiente, quase como um etnógrafo-stalker, já que dessa vez estaria acompanhando os passos de perfis/pessoas na própria plataforma e fora dela [em alguns casos], viajando junto com seus interlocutores” (LEITÃO; GOMES, 2017, p. 6). Por outro lado, estivemos atentas às cautelas necessárias para uma pesquisa em contexto virtual, tal qual colocado por Miller e Slater (2004, p. 17), a saber, “O problema, ao contrário, é a falta de atenção às formas em que o objeto e o contexto precisam ser definidos em relação um ao outro para projetos etnográficos específicos. Às vezes, o uso da Internet parece constituir virtualidades, às vezes não”.

Além dessa introdução e das considerações finais, o artigo está dividido da seguinte forma: na próxima seção apresentamos um arrazoado sobre o amor nas ciências sociais – com destaque para o conceito de amor nos clássicos da sociologia e a ideia de amor romântico segundo as teorias contemporâneas; depois, abordamos como o ideal de amor romântico somado a valores de dominação patriarcal podem desencadear interações de submissão ao feminino. Em seguida, trataremos mais especificamente da questão da violência nas relações afetivas nos baseando, em um primeiro momento, em elementos da revisão bibliográfica e, posteriormente, nos dados exploratórios de nossa etnografia virtual, os quais indicaram outros tipos de violência além daqueles mencionados pela literatura. Por fim, antes das considerações finais, trataremos da possibilidade de um amor diferente do amor romântico, o “amor confluyente” conceituado por Giddens (1993) e que presume maior igualdade na doação e no recebimento afetivo.

³ O WhatsApp é um aplicativo criado em 2009, que permite a troca de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet.

O conceito de amor nas ciências sociais: dos clássicos aos contemporâneos

O amor é um tema interdisciplinar que tem chamado a atenção de diversas áreas do conhecimento, com destaque para a literatura, a filosofia, a psicologia e, mais recentemente, segundo Jardim e Rossi (2022), até a neurociência tem buscado entender o papel do cérebro humano na construção da paixão. Além disso, o amor constitui tema de interesse do cotidiano das pessoas, que além da sua vivência prática, recebe a propagação do amor pelas novelas televisivas e também pelo cinema, que, segundo Souza (2021) e Rossi (2013) chegam aos lares na chave do amor romântico. Não podemos nos esquecer, ainda, da presença do amor em sua versão romântica nas letras das músicas brasileiras, que influencia na vivência afetiva dos casais.

Apesar do destaque que o amor recebe em diversas áreas, apenas nos anos 1940 este passou a ser estudado de forma científica, quando Llewellyn Gross publicou uma das primeiras escalas de avaliação do romantismo (NEVES, 2007). Nas ciências sociais, o tema se tornou agenda de estudos somente nos anos 1970 (NEVES, 2007).

Jardim e Moura (2017) têm apontado a importância de Simmel, Weber, Sombart e Elias dentre os clássicos alemães que se preocuparam com o amor; Jardim e Souza (no prelo) têm pontuado, ainda, a importância dos franceses, Comte e Durkheim, sendo que Jardim e Moura (2017) pontuam que os clássicos alemães veem o amor como Eros e os clássicos franceses como Ágape.

No que se refere aos alemães, lembramos Simmel, que no seu clássico “Filosofia do Amor” (1908) rompeu com a filosofia da sua época, que tratava o amor a partir da abstração, e trouxe o tema para a práxis. Em Simmel, o amor foge da noção de ideal e se enquadra como algo concreto, vivido em relação. Tratando-o como uma categoria, Simmel vê o amor como um importante elemento de interação social e de sociabilidade e na construção da subjetividade dos indivíduos no final do século XIX e início do século XX. O amor aparece como parte da formação da psicologia humana, no coquetismo, que Simmel define como um jogo de sedução. Tal posicionamento difere daquela concepção de amor que nos lembra Platão do Banquete (1983), em que trata de um amor sentido pelo sujeito, mas que não ocorre na interação com o “outro”; no amor platônico, a figura do “outro” é abstraída para se atingir uma transcendência que seria o belo em si.

Em Weber, o amor aparece a partir do erotismo. Segundo Schwentker (1996), para Weber, a sexualidade e o erotismo escapavam a qualquer estratégia de racionalização; portanto, eram opostos a toda forma de orientação religiosa voltada para uma ética da convicção. A

importância que Weber dá aos afetos é tão grande que o autor define a esfera erótica em sua obra, a qual seria capaz de dar sentido à vida. Por fim, Weber vê uma tensão inegável na conduta erótico-estética com as realidades do nosso mundo moderno racional. Se radicalizarmos um pouco os argumentos de Weber, poderíamos afirmar que a paixão e o amor seriam formas possíveis de barrar a racionalização do mundo, uma vez que dariam sentido à vida.

Sombart (1912) argumentou no livro “Luxo e Capitalismo” que a secularização do amor teria levado ao prazer, ao luxo e ao refinamento dos sentidos. Sombart acrescenta a participação ativa da mulher cortesã, que contribuiu para desvincular encantos e gozos do amor da instituição casamento, colocando-os na ilegalidade e na concubinação. Surpreendendo até os dias de hoje, Sombart deu destaque ao prazer proporcionado por mulheres cortesãs, de diversas origens, como as mulheres casadas e abandonadas por seus maridos e moças “enganadas” por seus noivos.

Dentre os alemães, não podemos ignorar a contribuição de Elias, que, no livro “Processo civilizatório”, mostrou o papel do autocontrole na construção e a complexificação das emoções, bem como da subjetividade humana, os relacionando como partes do processo de desenvolvimento dos Estados e como configurações cada vez mais intrincadas de relações humanas. Assim sendo, diante de um universo subjetivo que passa a exigir um jogo emocional de autocontrole das pessoas, Elias entende que o amor expresso nas artes, na música e na literatura seria a manifestação idealizada das emoções, dando uma fuga, mesmo que temporária, aos indivíduos, fatigados pelas relações sociais, que passam a exigir uma performance emocional nunca antes vista.

Jardim e Souza (no prelo) afirmam que os franceses podem contribuir na discussão sobre amor, a partir da chave do amor como ágape, entendido por elas como o altruísmo moral. Assim, em Comte (1895), o altruísmo envolve a tese de que a sociedade é formada por famílias e por instituições sociais, sendo que a família seria o local no qual as trocas escapam ao mundo mercantil. Os três componentes do altruísmo são: a criança desenvolve uma veneração por seus pais e, especialmente, por sua mãe; os cônjuges são ligados pela união do casamento e, finalmente, os pais fazem valer sua bondade ao cuidar de seus filhos. Isso seria possível, segundo Comte (1895) porque o cérebro humano seria dividido por uma parte egoísta e outra altruísta, sendo que o social reforçaria o altruísmo, em detrimento do egoísmo (COMTE, 1895).

Em Durkheim (1893), o autor nega a tese dos economistas utilitaristas do final do século XIX, de que a nova moral da sociedade capitalista seria a moral egoísta e individualista. Para o autor, a sociedade moderna possuiria uma espécie de solidariedade interdependente entre

anônimos, a solidariedade orgânica. Essa solidariedade permitiria que, apesar do individualismo, a sociedade se mantivesse coesa e seria composta por algo que Durkheim chamou de altruísmo, um tipo de freio moral, nutridor do tecido social. É esse nutridor entre desconhecidas que Jardim e Souza (no prelo) falam do amor presente na sociologia francesa, como ágape, afinal, para Durkheim (1893, p. 215), “Onde quer que haja sociedades, há altruísmo, porque há solidariedade.” Durkheim, então, atrela a coesão social ao princípio do altruísmo, que por sua vez seria a própria força que une o coletivo.

O amor nos contemporâneos: amor romântico

Na contemporaneidade, segundo Frédéric Vandenberghe (2006), as teorias do amor mais influentes no mercado acadêmico da sociologia foram formuladas por Bauman (“O amor líquido”), Giddens (“A transformação da intimidade”), o casal Beck (“O caos normal do amor”), Michel Mafessoli (“Amor pós moderno”) e Eva Illouz (“O amor em tempo de capitalismo”). Jardim e Moura (2017) e Jardim (2019, 2021) acrescentam a essa lista os seguintes autores: Pierre Bourdieu (“A dominação masculina”, “O baile dos solteiros”, “A distinção”), Luhman (“O amor como paixão”), Michel Bozin (“Pratique de l'amour: le plaisir et l'inquiétude”) e Luc Bolstanski (A presença das pessoas ausentes; L'amour et la justice comme compétences). Nesse artigo, daremos destaque ao livro "A Dominação Masculina", de Pierre Bourdieu, assim como a ideia de amor-vício, de Giddens, que também nos fornece importantes pistas para o desenvolvimento de nosso argumento central.

Na obra “A Dominação Masculina” (2002), Bourdieu trata da construção das diferenças de gênero calcada em uma visão androcêntrica, isto é, o autor discorre sobre a construção social de dualidades que colocam o masculino como predominante em relação ao feminino, utilizando-se, para tanto, de estruturas objetivas e cognitivas para manutenção, reprodução e naturalização desses valores. O autor classifica essa dominação como uma forma de violência simbólica, sutil e, muitas vezes, invisível aos dominados que tendem a reconhecer, reproduzir e legitimar essa situação.

A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os *habitus*: moldados por tais condições, portanto, objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade [...] (BOURDIEU, 2002, p. 45).

Esse tipo de amor, que pressupõe a dominação, Bourdieu classifica de amor romântico, inscrito na cultura androcêntrica e que se torna um fardo para as mulheres, que passam a conceber o mundo afetivo a partir desse sistema de dominação masculina. No campo do romance, os jogos masculinos de poder ganham legitimidade e as mulheres são incentivadas a apreciarem aqueles que jogam (cf. BOURDIEU, 2002). Com forte inspiração em Bourdieu, Jardim e Moura (2017) e Jardim (2019, 2021) têm pontuado o papel do amor romântico na cultura. Por exemplo, mostram os sacrifícios de mulheres na casa dos 40 anos – referências em suas carreiras – para conquistar e manter um amor, inclusive adquirindo cursos no mercado da autoajuda para encontrar a alma gêmea e comprando pacotes de alto valor em agências de casamento. Essas mulheres se submetem a todas as regras da conquista masculina, pois sentem a vida sem sentido pela ausência de um amor, apesar de bem posicionadas profissionalmente. O argumento de Jardim (2021) é que essas mulheres são vítimas do amor romântico, esse tipo de amor descrito por Bourdieu no livro *A Dominação Masculina*.

No que se refere à contribuição de Giddens (1993), o autor argumenta que em uma sociedade pós-tradicional, onde se dissolveram as tradições e parâmetros para segurança ontológica, a narrativa do eu está em constante reelaboração. Essa inconstância e insegurança desencadeariam ansiedade, e uma das formas de reagir a tal situação seria o vício. “O vício é uma incapacidade de administrar o futuro, e, sendo assim, transgride uma das principais ansiedades que os indivíduos têm de enfrentar reflexivamente” (GIDDENS, 1993, p. 88), afetando tanto homens como mulheres.

No caso de relacionamentos afetivos, o vício faz com que algumas pessoas transfiram ao relacionamento/intimidade a responsabilidade em proporcionar a almejada segurança, desenvolvendo “laços viciados”. Tratando o amor como doença e codependência, Giddens informa que esse tipo de laço:

1. não admite o controle do eu nem do outro, tão vital para o relacionamento puro; 2. submerge a autoidentidade no outro ou em rotinas estabelecidas; 3. evita aquela abertura ao outro que é condição prévia da intimidade; 4. tende a preservar as diferenças de gênero e as práticas sexuais não-igualitárias (GIDDENS, 1993, p. 102).

Para Giddens, as mulheres que estão em relacionamento de codependência são protetoras do outro e sentem necessidade de cuidar dos outros de forma quase inconsciente. Além disso, a necessidade de segurança transforma-se em desejo de controle sobre o outro e em variados modos de violência, desde apropriação indevida do celular alheio (LÍRIO *et al.*, 2019), passando pela perseguição e ameaça ao outro (CAMPEIZ *et al.*, 2020) até formas mais

graves, como o assassinato. Laços viciados, quando somados às expectativas do amor romântico, produzem relações violentas para ambos os amantes.

O amor romântico e a violência

Em suas pesquisas empíricas, Jardim e Moura (2017) e Jardim (2019, 2021) têm pontuado a centralidade do amor romântico como elemento para produção de hierarquias rígidas e desigualdades no amor, com a submissão do feminino. Portanto, é possível que a violência encontre terreno fértil no amor romântico - que já foi revolucionário, no sentido da liberdade da escolha do parceiro, ilustrado na clássica história de Romeu e Julieta - mas foi capturado pelo casamento, tornando-se uma convenção social. Nessa direção, Duby (1998) afirma que no século XVIII as classes superiores do Ocidente operaram uma revolução afetiva, no sentido que o casamento passou a ser associado ao amor, antes restrito aos amantes; assim, pela porta da frente, do casamento, o amor romântico, extraconjugal, entrou nos lares burgueses. Nesse sentido, amor romântico, casamento e cultura patriarcal são elementos que nos ajudam a entender a relação amor e violência.

Nesse interim, a mesma sociedade patriarcal que perpetua desvantagens ao gênero feminino, inculca nos homens a crença de que devem ter controle sobre as mulheres, desenvolvendo sentimento de posse sobre a parceira (LÍRIO *et al.*, 2019; SILVA *et al.*, 2020), controlando o comportamento da mulher e se incomodando com a interferência de filhos e familiares em sua relação (LÍRIO *et al.*, 2019). Tais fatores podem suscitar comportamentos violentos e, não raro os agressores também vivenciaram a violência em sua família de origem, contribuindo para a naturalização desse tipo de relação, especialmente quando não deixa marcas corporais (PAIXÃO *et al.*, 2018b); gerando incompreensão e revolta quando as mulheres denunciam esses indivíduos (PAIXÃO *et al.*, 2018a; MADUREIRA *et al.*, 2020).

Outro fator de desentendimentos entre os parceiros é o sexo. Alguns homens, impulsionados pela crença socialmente construída da “necessidade sexual masculina” (MOORE, 2006; SILVA *et al.*, 2020), brigam com suas parceiras devido à ausência de relações sexuais (LÍRIO *et al.*, 2019); por vezes, forçando o sexo com suas companheiras (DANTAS-BERGER; GIFFIN, 2005) ou procurando outras mulheres que os satisfaçam sexualmente, gerando ciúmes e brigas devido à infidelidade (VIEIRA *et al.*, 2012; PAIXÃO *et al.*, 2014).

Essa pretensa sexualidade masculina exacerbada faz com que esses homens busquem a intimidade movidos em grande parte por aquilo que Giddens chamou de *amour passion*, a saber, “uma conexão genérica entre o amor e a ligação sexual” (GIDDENS, 1993, p. 48). Nesse tipo

de relação, que faz parte do amor romântico, as mulheres seriam vistas como generalidade, isto é, apenas como um meio de satisfação sexual; logo, não seriam uma “personalidade insubstituível”, para nos valermos de um termo de Simmel (2006, p.143).

Dentre os clássicos da sociologia, Simmel também discute essa questão da construção social da sexualidade masculina. Segundo o autor, a própria conformação social desencadearia uma defasagem entre maturidade sexual e maturidade intelectual, econômica e psicológica masculina, fato que levaria os homens a recorrerem às profissionais do sexo:

A necessidade de prostituição nas culturas de nível mais elevado baseia-se na defasagem temporal entre o início da maturidade sexual e a maturidade intelectual, econômica e psicológica do homem. Porque esta última, com razão, é exigida antes que a sociedade autorize o homem a fundar seu próprio lar. Contudo, a luta acirrada pela existência não cessa de adiar a independência econômica. As complicadas exigências da técnica profissional e da arte de viver proporcionam cada vez mais tarde a plena formação do espírito [...] Assim, o momento em que um homem pode legitimamente possuir uma mulher é retardado cada vez mais e, como a constituição física ainda não se adaptou a esse estado de coisas, despertando aliás o instinto sexual como uma precocidade bem pouco mudada, é fatal que um aumento de cultura acarrete uma necessidade maior de prostituição (SIMMEL, 2006, p. 7-8).

No caso, a prostituição seria apenas uma das formas para dar vazão ao impulso sexual masculino. Ao invés de pagarem por sexo, alguns homens podem buscar a satisfação de seus anseios através do sexo forçado com a parceira ou em relações sexuais extraconjugais. Ao focarem demasiadamente na sexualidade, relacionando-se com as mulheres como se estas fossem apenas generalidade, certos homens perdem a capacidade de desenvolver intimidade; essa perda, por sua vez, prejudica a reflexividade e, por consequência, a autoidentidade, dificultando a construção de uma narrativa coerente de si.

Pesquisas apontam que pessoas que estabelecem relações afetivas permeadas por violência, não raro, vivenciaram a violência em sua infância. Estudos sobre mulheres que sofreram agressões (física, psicológica, sexual, moral, etc.) de seu parceiro íntimo constataram que muitas das vítimas possuíam histórico de violência em sua família de origem (LIMA; WERLANG, 2011; PAIXÃO *et al.*, 2015; COUTO *et al.*, 2015; CARNEIRO *et al.*, 2019), assim como os agressores (STENZEL; LISBOA, 2017; MADUREIRA *et al.*, 2020), fato que pode ter contribuído para certa naturalização e dificuldade de perceber a agressão. É importante ressaltar que a violência entre parceiros íntimos também pode ocorrer entre pessoas do mesmo gênero, contudo, devido aos dados da pesquisa exploratória, selecionamos para este artigo a violência na relação heterossexual.

Quando questionadas sobre os motivos de suportarem a violência de seus parceiros, as participantes reproduziram discursos associados ao amor romântico, como por exemplo, a idealização do casamento (DANTAS-BERGER; GIFFIN, 2005; DUTRA *et al.*, 2013), a ideia de que a mulher deve ser subjugada pela figura masculina (DANTAS-BERGER; GIFFIN, 2005; COUTO *et al.*, 2006; AUDI *et al.*, 2009; PAIXÃO *et al.*, 2014), permitindo, inclusive que o parceiro determine quais comportamentos a mulher deve adotar (BATISTA *et al.*, 2020), entendendo esse cerceamento da liberdade feminina como manifestação de afeto (GUIMARÃES; DINIZ; ANGELIM, 2017; CARNEIRO, 2019) e estabelecendo a distinção entre esfera doméstica/feminina e esfera pública/masculina em que o homem deveria ser o provedor da família (DANTAS-BERGER, GIFFIN, 2005; COUTO *et al.*, 2006), gerando a dependência, especialmente financeira, da mulher em relação ao seu parceiro. E mesmo sofrendo violência do parceiro, algumas mulheres perdoavam seus agressores, atribuindo a agressão a “atos involuntários” (GUIMARÃES; DINIZ; ANGELIM, 2017) ou a fatores externos, como uso de álcool ou drogas (LIMA; WERLANG 2011; MOURA; LEFEVRE; MOURA, 2012; PAIXÃO *et al.*, 2014; GUIMARÃES; DINIZ; ANGELIM, 2017), fazendo-as permanecer com o parceiro pelo receio de romper com seu relacionamento idealizado (BATISTA *et al.*, 2020). A falha no suprimento dessas expectativas romantizadas, por conseguinte, alimentaria ainda mais os desentendimentos e agressões.

Etnografia virtual no grupo “mulheres empoderadas”: o amor é romântico e violento

A revisão da literatura acima dialoga com os achados de nossa pesquisa exploratória. A pesquisa de campo que embasa esse artigo foi realizada em um grupo de *WhatsApp*, constituído por 240 mulheres falantes de língua portuguesa. Os dados apresentados nesse artigo são resultantes de uma pesquisa realizada pela primeira autora do artigo no primeiro semestre de 2021. Cabe salientar que a pesquisa continua em andamento.

Entramos em contato com esse grupo de *WhatsApp*, por meio do grupo Mulheres que Amam Demais (MADA)⁴, coletivo anônimo que busca ajudar mulheres com relacionamentos abusivos, pois, como pesquisadora do amor, participamos do grupo MADA desde 2019.

Uma das participantes do MADA tomou a iniciativa de criar o grupo de *WhatsApp*, em outubro de 2020, com objetivo de ajudar mais diretamente mulheres a passarem pelos problemas de relacionamento abusivo durante a pandemia do Covid-19, iniciada no Brasil em

⁴ Disponível em: <https://grupomadabrasil.com.br/sou-uma-mada/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

março de 2020 e ainda em andamento no momento em que escrevemos esse artigo – outubro de 2022. Portanto, o grupo é independente do MADA e não corresponde a sua filosofia.

O grupo de *WhatsApp*, permite que todas as participantes postem mensagens de vídeo, texto ou áudio, 24 horas por dia, portanto, não apenas as administradoras do grupo possuem a possibilidade de fazer postagens. Como o grupo é integrado por mulheres falantes de português, abrange não apenas brasileiras, mas também portuguesas. Pelos números dos celulares podemos notar que temos 200 brasileiras e 40 portuguesas. Para manter o anonimato das participantes da pesquisa, o nome do grupo e das participantes foram alterados.

A criadora do grupo, Ana Lúcia, é brasileira, tem 22 anos, não tem filhos e está namorando. Tem doença genética rara (não quis dizer o nome) e depressão. Todas as mulheres vivenciam o grupo sem formação técnica em temas ligados às emoções. Portanto, não temos profissionais de saúde mental entre as participantes, que abordam todos os temas com o olhar do senso comum. Não existe uma organização ou planejamento nos debates, que são feitos de forma espontânea, a partir das questões trazidas pelas participantes no dia. Nos dias considerados “calmos” por elas, ou seja, aqueles em que não ocorrem violências, as postagens são sobre pratos de comida, músicas, viagens e aproveitam para trocar informações culturais sobre Brasil e Portugal. Além de conselhos e apoio, o grupo procura ajudar financeiramente as mulheres que precisam adquirir uma passagem para outra cidade, como forma de fugir do companheiro.

O quadro a seguir, divulgado no grupo, mostra as três fases do relacionamento abusivo, escrito por Aline Munhoz e que se tornou um manual para essas mulheres.

1. Abuso psicológico: Irritabilidade, frustração, necessidade de controle; constante episódios de humilhação, repreensão da liberdade e identidade do parceiro, parcialidade nas tomadas de decisões do casal.
2. Violência explícita: Liberação de toda tensão, impossibilidade de comunicação; explosão repentina, agressão física e verbal, humilhação em público, jogar/sacar objetos, atitudes impulsivas, ameaças, controle extremo.
3. Lua de mel: reconciliação, demonstração de arrependimento, promessas de mudança; ações compensatórias, presentes inesperados, demonstração de carinho, apoio, choro de arrependimento.

No cotidiano do grupo é comum este tipo de mensagem: “Bom dia, não aguento mais, vou me matar”. A sensibilidade suicida é comum no grupo, mas também o medo de abandonar seus relacionamentos: “Suporto tudo porque o amo” ou ainda, “Aguento por meus filhos”. O

medo, a dor e o amor fazem parte da narrativa dessas mulheres. Além disso, é comum o depoimento de uso de medicação antidepressiva. No geral, existe uma forte presença de religiosidade na narrativa das participantes: Deus, Oxalá e Jesus são constantemente acionados, assim como Jeová. Uma outra característica presente nos depoimentos dessas mulheres é a recorrência de relacionamento abusivo em suas vidas, assim como a esperança de curar esse amor doente com amor. Portanto, têm uma forte crença no amor como algo divino, mágico e milagroso, o qual dispensa investimento social, já que funciona nele mesmo. Essa visão idealizada do amor é típica do amor romântico, se tornando a responsável pelos abusos nos relacionamentos afetivos.

Outra característica dessas mulheres é que a maioria afirma ter sofrido violência física, psicológica ou sexual na infância: “Eu fui abusada por um amigo da família aos sete anos”. “Eu sempre apanhei de meu pai”. “Sempre me senti rejeitada pela minha mãe”. “Eu nunca me senti parte da minha família; sou o patinho feio”.

Além da violência física, outros tipos de violência foram notados nos depoimentos:

Endividamento: O uso que o homem faz do Cadastro da Pessoa Física (CPF) ou cartão de crédito da mulher para compras e também empréstimos em dinheiro, que nunca serão pagos, são reclamações constantes: “Ele usa sem minha permissão meu cartão de crédito, sujou meu nome. Ele não pagou as faturas, mais de 10 mil em faturas” (...) “No Banco do Brasil já não tenho limite, ele estourou” (...) “Ele pega dinheiro emprestado com a irmã e paga certinho, comigo não”.

Perseguição: As mulheres se sentem perseguidas por seus companheiros ou por seus ex-companheiros, tanto no mundo “real”, quanto nas redes sociais. “Ele cria cada dia um perfil diferente para me seguir nas redes sociais”; “Tenho que esconder que estou namorando, se ele descobrir, mata ele e a mim”. “Eu tenho medo de sair de casa e ser surpreendida por ele, preciso mudar de cidade”.

Ser filmada em ato íntimo: Muitas mulheres se queixam de terem sua vida sexual filmada por seus companheiros ou ex-companheiros ou com quem tiveram um encontro casual e que essas filmagens servem como chantagem para se manterem vinculadas a eles: “Tive uma relação sexual com ele filmada e agora ele me ameaça se eu terminar com ele”. “Ele me filmou sem autorização na hora do sexo, eu não sei o que vou fazer”; “Ele me filmou transando e jogou no grupo do *WhatsApp*”. “Ele usa fotos íntimas para me ameaçar a continuar com ele”.

Celulares monitorados pelos companheiros: É comum a queixa de invasão da privacidade, via monitoramento do celular. “Preciso sair desse grupo [de auto ajuda], ele notou

que estou pedindo ajuda ao grupo e disse que vai quebrar meu celular se eu não sair do grupo”. “Ele me monitora pelo celular, sabe sempre onde estou e com quem, acho que colocou algum aplicativo espião no meu celular”. Questionamos se as mulheres também monitoram os celulares de seus companheiros, e a resposta que recebemos foi positiva.

Quando conversamos no *chat* particular com elas, ficamos sabendo que, apesar da idade, classe social, grupo étnico, nível de escolaridade, ocupação e país diferente, existe algo em comum entre elas: todas acreditaram, no início, que podiam transformar o relacionamento abusivo, com oração e amor. Só após anos, média de 2 anos, elas notaram que estão em um relacionamento impossível de ser alterado apenas com esses elementos. Nesse sentido, podemos falar do mito da heroína nessas mulheres, que acreditaram ter o poder para transformar algo que está enraizado na cultura: a cultura do amor romântico que permite a expressão da violência. Ademais, o mito da heroína seria possível devido a cultura do amor romântico, que pressupõe o amor como algo mágico, divino, milagroso, que dispensa qualquer investimento social para dar certo, pois o encontro entre os casais seria propiciado por um cupido, por um deus, que permitiria o encontro entre essas “almas gêmeas”.

Um ponto a ser destacado é a codependência emocional que essas mulheres sentem em relação ao relacionamento. A maioria das mulheres afirma não sentir mais amor pelo companheiro, mas assim mesmo se sentem pressas a ele: “Já deixei de amar faz tempo, mas não consigo ir embora”; “Parece que me acostumei com o sofrimento”; “Tenho medo de recomeçar, já tenho 39 anos”. “Apesar dos arroubos de violência, quando ele não bebe ou usa drogas, é um ótimo marido e me protege”.

Por fim, notamos que as mulheres do grupo radicalizam seus discursos com expressão de ódio ao masculino, de medo de novo relacionamento, de rejeição a novas maternidades e de desejo de suicídio: “nunca mais vou querer me relacionar com homens, estou traumatizada”; “eu odeio homem”; “olha, não tenha filhos, é o melhor conselho que eu dou a uma mulher; filho prende demais”; “só não me mato porque falta coragem”.

No grupo analisado, o mito do amor romântico aparece expresso na relação abusiva e violenta e também na maternidade “eu aguento tudo por meus filhos”.

Portanto, os dados acima nos falam da submissão feminina aos abusos masculinos, em nome do amor do casal e filhos e está em diálogo com o que fala a teoria, com destaque para Pierre Bourdieu (2002), em *A dominação masculina*. De uma forma geral, o autor mostra que a mulher, desde muito jovem, é socializada de acordo com padrões de passividade, discrição, sujeição, inferioridade, etc., enquanto o homem é construído como uma figura de força, ação,

iniciativa, poder, autoridade, etc. Nesse aspecto, a figura masculina surge como entidade idealizada, como o grande provedor ou, então, como a salvação e resolução dos problemas femininos, e isso explicaria o motivo de muitas dessas mulheres, vítimas de violência, apenas conseguirem vivenciar o amor na forma de amor romântico.

Em diálogo com a teoria do amor-vício proposta por Giddens, a insegurança trazida pelo relacionamento cria ainda mais dependência e vício, reproduzindo um ciclo de abuso e violência.

No grupo que analisamos também encontramos casos de mulheres que superaram o abuso e retomaram suas vidas. Essas mulheres se tornam referências positivas para as mulheres que ainda passam pelo abuso em suas vidas.

Para além de um amor romântico: possibilidade de um amor confluyente

Apesar do cenário descrito anteriormente, a literatura tem apontado que é possível as mulheres se libertarem da violência trazida pelo amor romântico, mesmo que outras tantas permaneçam na relação sustentadas pela esperança de um dia o parceiro mudar de comportamento (BATISTA *et al.*, 2020), e mesmo admitindo que a situação se tornou insustentável (VIEIRA *et al.*, 2012; BARAGATTI *et al.*, 2018; BATISTA *et al.*, 2020).

As mulheres que decidiram denunciar seus agressores falam que não é um processo fácil, porque ainda gostam deles (ALBUQUERQUE NETTO *et al.*, 2015), sentem medo das consequências (PACHECO; MEDEIROS; GARCIA, 2014) e acreditam que a violência é uma experiência solitária (AUDI *et al.*, 2009; ALBUQUERQUE NETTO *et al.*, 2015; BARAGATTI *et al.*, 2018; BATISTA *et al.*, 2020). Isso posto, o apoio social/familiar (COUTO *et al.*, 2015, BARAGATTI, 2018), o financeiro (DANTAS-BERGER; GIFFIN, 2005; ALBUQUERQUE NETTO *et al.*, 2015), assim como o institucional-jurídico (DUTRA *et al.*, 2013; ALBUQUERQUE NETTO *et al.*, 2015; CONCEIÇÃO; MORA, 2020) são essenciais para essas mulheres conseguirem romper com o ciclo das agressões.

A literatura tem mostrado, ainda, que quando se libertam do circuito amor-violência, algumas mulheres aproveitam para investir em si mesmas, retomando seus planos de vida como estudos ou trabalho (VIEIRA *et al.*, 2012; ALBUQUERQUE NETTO *et al.*, 2015), compreendendo a importância dos homens as respeitarem (ALBUQUERQUE NETTO *et al.*, 2015). Isso não significa que elas não possam ter novas relações permeadas por violência (PARADA; MURTA, 2020), mas esse movimento pós-ruptura permite a essas mulheres

reconstruírem suas vidas com base em outros elementos que favoreçam sua reflexividade (estudo, trabalho, familiares, amigos, etc.), não havendo a necessidade de projetar em um parceiro íntimo idealizado a possibilidade de sua autoidentidade. Ao resgatarem a autonomia, essas mulheres tornam-se capazes de estabelecer vínculos amorosos mais igualitários, desvencilhando-se dos pesos do amor romântico.

Além disso, após a decepção com o malfadado “foram felizes para sempre”, tão característico dos contos de fadas e do amor romântico, a consequente diminuição das expectativas em relação ao casamento e a desobrigação de permanecer em uma relação falida, essas mulheres podem, com apoio profissional e dos familiares, estabelecer um novo formato de relação amorosa com o outro. Na literatura, Giddens fala de uma forma de relacionamento puro, que seria o ideal:

Um relacionamento puro não tem nada a ver com pureza sexual [...] Refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem (GIDDENS, 1993, p. 69).

Entre os agressores também existe uma possibilidade de transcender relações violentas. Alguns homens denunciados, que vivenciaram a prisão preventiva, conseguiram tomar consciência da conduta agressiva, almejando relações livres de violência (PAIXÃO *et al.*, 2018a), abrindo-se igualmente para interações amorosas mais igualitárias com a mesma parceira ou com uma futura.

Nesse sentido, quando duas pessoas despidas de idealizações e de necessidade de controle, conscientes que a violência deve ser evitada, dispõem-se a estabelecer uma relação mais igualitária com o outro, independentemente do tempo que durar a relação, podemos dizer que desponta o que Giddens denominou de “amor confluyente”.

“O amor confluyente presume igualdade na doação e no recebimento emocionais, e quanto mais for assim, qualquer laço amoroso aproxima-se muito mais do protótipo do relacionamento puro” (GIDDENS, 1993, p. 73). Apesar de não possuir a pretensão inicial de durar para sempre, na experiência desse amor confluyente/relacionamento puro, se ambos os parceiros, mais conscientes de suas biografias, conseguirem estabelecer vínculos de intimidade e confiança, é possível a construção de uma nova e diferente história de amor.

Por outro lado, no que se refere ao amor romântico, Bourdieu nos mostra que apesar da dominação existir no amor romântico, este pode se tornar uma forma de revolução simbólica,

quando os homens são sensibilizados por relacionamentos mais igualitários, e, portanto, sem hierarquias.

Considerações finais

A originalidade do presente artigo foi discutir duas categorias raramente associadas nas ciências sociais: o amor e a violência. Buscou-se identificar que tipo de amor sustenta as relações afetivas baseadas na violência.

Inspirando-se especialmente em Bourdieu e Giddens, e após revisão da literatura, com destaque para a área da saúde, que tem protagonismo no tema, considerou-se que este tipo de amor está sustentado no amor romântico e também no amor-vício, pois algumas características desses são apontados na literatura como justificativa para a manutenção desse tipo de relacionamento.

Confrontamos a revisão bibliográfica com dados exploratórios de uma pesquisa de campo realizada em um grupo virtual, quando identificamos as seguintes crenças junto às mulheres que sofrem abuso nos relacionamentos: crença na capacidade de mudar o parceiro, com oração e meditação; codependência emocional apesar da violência – sustentada muitas vezes pela crença de que a mulher deve ser submissa ao homem; codependência financeira, por projetar o homem como provedor da família; assim como a idealização da maternidade, que torna a mulher capaz de suportar a relação abusiva em prol dos filhos.

A cultura androcêntrica, ao se valer de estruturas objetivas e cognitivas para manutenção, reprodução e naturalização da dominação masculina, contribui para que algumas mulheres alimentem o amor romântico e, não raro, legitimem esse tipo de relação abusiva, dificultando o reconhecimento da violência a que estão submetidas. O fato de alguns parceiros afetivos, tanto homens como mulheres, terem vivenciado a violência na infância também prejudica essa percepção.

Tanto na revisão da literatura como nos dados exploratórios, o apoio social foi apontado como referência positiva para romper com o ciclo das agressões. E, após a ruptura, nos casos em que vítimas e agressores alcançam maior consciência sobre seus comportamentos e idealizações, reconheceu-se a possibilidade do surgimento de um “amor confluyente”, isto é, um tipo de relação de trocas emocionais mais igualitárias.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE NETTO, L. *et al.* Mulheres em situação de violência por parceiro íntimo: tomada de decisão por apoio institucional especializado. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, n. esp. 36, p. 135-42, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/rngenf/a/5rspRQXYcYpj3zJHqHXq7vQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2021.
- AUDI, C. A. F. *et al.* Percepção da violência doméstica por mulheres gestantes e não gestantes da cidade de Campinas, São Paulo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 2, p. 587-594, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/wZcqCS3zrZDvQMdKQmzJh3x/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2021.
- BARAGATTI, D. Y. *et al.* Rota crítica de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, n. 26, e3025, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/154244>. Acesso em: 24 maio 2021.
- BATISTA, V. C. *et al.* Prisioneiras do sofrimento: percepção de mulheres sobre a violência praticada por parceiros íntimos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, n. 73, suppl. 1, p. e20190219, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/reben/a/8nWjvQ4X73VhbmMWkkYzJ3b/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2021.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CAMPEIZ, A. B. *et al.* A violência na relação de intimidade sob a ótica de adolescentes: perspectivas do Paradigma da Complexidade. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, n. 54, p. e03575, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reusp/a/JYLvhxzzJ4bD5hXD4R8ztcg/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2021.
- CARNEIRO, J. B. *et al.* Compreendendo a violência conjugal: um estudo em Grounded Theory. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, n. 27, e3185, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/vw6dc7XVbLqr6WngM6qdsf/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2021.
- COMTE, A. Plan des travaux scientifiques nécessaires pour réorganiser la société. *In*: COMTE, A. **Système de politique positive ou Traité de sociologie instituant la religion de l'humanité**. Paris: Larousse, 1895. p.106-129
- CONCEIÇÃO, C. S. da; MORA, C. M. “Respeito é bom e eu gosto”: trajetórias de vida de mulheres negras assistidas por um Centro Especializado de Atendimento à Mulher em Situação de Violência na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n.7, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/csp/a/sYXNjKRrg4VpvPXVZz7PBbt/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2021.
- COUTO, M. T. *et al.* Concepções de gênero entre homens e mulheres de baixa renda e escolaridade acerca da violência contra a mulher, São Paulo, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, n. 11, supl., p. 1323-1332, 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/J4z8857r4yYfJZNGNYF6Ytf/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2021

COUTO, T. M. *et al.* Cotidiano de mulheres com história de violência doméstica e aborto provocado. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 24, n. 1, p. 263-9, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/tce/a/GsY5mchdP8HD8qZyx5NnknS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2021.

DANTAS-BERGER S. M.; GIFFIN, K. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, n. 2, p. 417-425, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/pHhwdM5wyyL6nfJXVsLsDdy/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2021.

DUBY, G. **Amor e sexualidade no Ocidente**. Lisboa: Terramar, 1998.

DURKHEIM, E. **De la division du travail social: etude sur l'organisation des sociétés supérieures**. Paris: Alcan, 1893.

DUTRA, M. de L. *et al.* A configuração da rede social de mulheres em situação de violência doméstica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 5, p. 1293-1304, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/K77HzVKqLpCgjCpqGD8qQ8C/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2021.

ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. v. 1.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GUIMARÃES, F. L.; DINIZ, G. R. S.; ANGELIM, F. P. "Mas Ele Diz que me Ama...": Duplo-Vínculo e Nomeação da Violência Conjugal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 33, p. 1-10, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/ptp/a/q9Tcf79ydXdLRTxw8GHkCvF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PNS 2019: em um ano, 29,1 milhões de pessoas de 18 anos ou mais sofreram violência psicológica, física ou sexual no Brasil**. Brasília, DF, 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30660-pns-2019-em-um-ano-29-1-milhoes-de-pessoas-de-18-anos-ou-mais-sofreram-violencia-psicologica-fisica-ou-sexual-no-brasil?> Acesso em: 07 jul. 2021.

JARDIM, M. C. Para além da fórmula do amor: amor romântico como elemento central na construção do mercado do afeto via aplicativos. **Política & Sociedade**, v. 18, n. 43, p. 46-76, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2019v18n43p46>. Acesso em: 20 nov. 2021.

JARDIM, M. C. A construção social do mercado de afeto: o caso das agências de casamento em contexto de consolidação dos aplicativos. **Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 18, n. 1, p. 43-62, 2021. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/issue/view/705>. Acesso em: 20 nov. 2021.

JARDIM, M. C.; MOURA, P. J. C. A construção social do mercado de dispositivos de redes sociais: a contribuição da sociologia econômica para os aplicativos de afeto. **Tomo**, n. 30, p. 151-196, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6040344>. Acesso em: 20 nov. 2021.

JARDIM, M. C.; ROSSI, T. C. Apresentação. **Tomo**, v. 41, p. 1, 2022. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/607659>. Acesso em: 30 set. 2022.

JARDIM, M. C.; SOUZA, T. O amor como objeto da sociologia. **BIB.** (no prelo)

KOURY, M.; BARBOSA, R. B. Da subjetividade às emoções: A antropologia e a sociologia das emoções no Brasil. **Cadernos do GREM**, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/Gs8376g9VYs9TV6PjFXXYtq/?lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2021.

LEITÃO, D.; GOMES, L. G. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Antropolítica**, Niterói, n. 42, p. 41-65, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41884>. Acesso em: 20 nov. 2021.

LIMA, G. Q. de; WERLANG, B. S. G. Mulheres que sofrem violência doméstica: contribuições da psicanálise. **Psicologia em Estudo**, v. 16, n. 4, p. 511-520, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/GShYc5SHq9SVcrwbyXxbSbT/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2021.

LÍRIO, J. G. dos S. *et al.* Elementos que precipitam a violência conjugal: o discurso de homens em processo criminal. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, n. 53, p. e03428, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reensp/a/zxC7PmFD4VVYcmK38xVhGrs/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2021.

MADUREIRA, A. B. *et al.* Representações sociais de homens agressores denunciados acerca da violência contra a mulher. **Revista Brasileira de Enfermagem**; v. 73, n. 2, e20180824, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/VHWWG3RDtpf3tc4nMFNsVRn/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2021.

MILLER, D.; SLATER, D. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004. DOI: 10.1590/S0104-71832004000100003.

MOORE A. M. Gender Role Beliefs at Sexual Debut: Qualitative Evidence from Two Brazilian Cities. **International Family Planning Perspectives**, v. 32, n. 1, p. 45-51, 2006. Disponível em: <https://www.guttmacher.org/journals/ipsrh/2006/03/gender-role-beliefs-sexual-debut-qualitative-evidence-two-brazilian-cities>. Acesso em: 24 maio 2021.

MOURA, L. B. A.; LEFEVRE F.; MOURA, V. Narrativas de violências praticadas por parceiros íntimos contra mulheres. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, p. 4, p. 1025-1035, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/fTp9Sxzm5MWskTSQmMH3VPC/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2021.

NEVES, A. As mulheres e o discurso genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno do mito do “amor romântico”. **Estudos Feministas**, v. 15, n. 3, p. 609-627. Florianópolis, 2007. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2007000300006>. Acesso em: 20 nov. 2021.

PACHECO, L. R.; MEDEIROS, M.; GARCIA, C. M. The voices of Brazilian women breaking free from intimate partner violence. **Journal Forensic Nursing**, v. 10, n. 2, p. 70-76, 2014. Disponível em: <https://journals.lww.com/forensicnursing/toc/2014/04000>. Acesso em: 24 maio 2021.

PAIXÃO, G. P.do N. *et al.* Situações que precipitam conflitos na relação conjugal: o discurso de mulheres. **Texto e Contexto Enfermagem**, v. 23, n. 4, p. 1041-9, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/4QGmxR598j7yzqSVZYmshXP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2021.

PAIXÃO, G. P. do N. *et al.* Mulheres vivenciando a intergeracionalidade da violência conjugal. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 23, n. 5, p. 874-9, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/d375TF8qJCLBKBVZFzjNyWF/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2021.

PAIXÃO, G. P. do N. *et al.* A experiência de prisão preventiva por violência conjugal: o discurso de homens. **Texto & Contexto – Enfermagem**, v. 27, n. 2, e3820016, 2018a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/KRFnS53bngSv46h5xzB9j6t/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2021.

PAIXÃO, G. P. do N. *et al.* Naturalização, reciprocidade e marcas da violência conjugal: percepções de homens processados criminalmente. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, n. 1, p. 178-84, 2018b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/WBf7Y54tVkBDtHkMNMXYzyS/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2021.

PARADA, P. de O.; MURTA, S. G. Brazilian women's transition to new relationships after ending a violent one: a case study. **Psicologia USP**, v. 3, e190166, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/NW5n9q5HhmHYpv4jsPDBFSB/abstract/?lang=en>. Acesso em: 24 maio 2021.

PLATÃO. **O Banquete**. Coleção os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ROSSI, T. C. **Projetando a subjetividade: a construção social do amor a partir do cinema**. São Paulo, 2013. 326 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SCHWENTKER, W. A paixão como modo de vida em Max Weber, o círculo de Otto Gross e o erotismo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 32, ano 11, oct. 1996.

SILVA, A. F. da. *et al.* Atributos sociais da masculinidade que suscitam a violência por parceiro íntimo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 6, e20190470, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/Nrj3K7pjQLjG3T5mJKJvhsv/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2021.

SIMMEL, G. **Filosofia do Amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SOMBART, W. **Amor, luxo e capitalismo**. Lisboa: Bertrand, 1990 [1912].

SOUZA, T. **As crenças sobre o amor na telenovela Espelho da vida: uma análise através da sociologia relacional de Pierre Bourdieu**. Relatório de Pesquisa Fapesp. Departamento de Ciências Sociais. Unesp. Araraquara, 2021.

STENZEL G. Q. de L.; LISBOA, C. S. de M. Aprisionamento psíquico sob uma perspectiva psicanalítica: Estudo de caso de um agressor conjugal. **Revista Ágora – estudos em Teoria Psicanalítica**, v. XX, n. 3, p. 625-633, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/LXvtttdZsqKBb4486QcnwnNm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2021.

VANDENBERGHE, F. Amando o que conhecemos: notas para uma epistemologia histórica do amor. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 42, n. 1, p. 65-71, 2006. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/6016. Acesso em: 14 nov. 2021.

VIEIRA, L. B. *et al.* Intencionalidades de mulheres que decidem denunciar situações de violência. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 25, n. 3, p. 423-429, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/T8hS4mc649nMMdDBT6CfmFk/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Devastatingly pervasive: 1 in 3 women globally experience violence**. Geneva/New York, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/news/item/09-03-2021-devastatingly-pervasive-1-in-3-women-globally-experience-violence>. Acesso em: 07 jul. 2021.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Não se aplica.

Financiamento: Não se aplica.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: Não se aplica.

Disponibilidade de dados e material: As referências sobre violência por parceiro íntimo estão disponíveis gratuitamente em bibliotecas digitais.

Contribuições dos autores: Maria Chaves Jardim contribuiu na elaboração, revisão bibliográfica, coleta e análise de dados empíricos, redação e revisão final do texto. Marcela Jussara Miwa contribuiu na elaboração, revisão bibliográfica, redação e revisão final do texto.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

